

1

**PRIMEIRO PASSO:
PROGRAMA DE ACÇÃO**

No acto de transmissão de poderes, que decorreu no Ministério da Educação Nacional, em 15 de Janeiro de 1970

«Uma Nação que não valoriza devidamente a inteligência, está condenada.»

*Senhor Dr. José Hermano Saraiva
Minhas Senhoras
Meus Senhores*

Agradeço a V. Ex.^a, Senhor Dr. Hermano Saraiva, profundamente sensibilizado, as palavras amigas que teve a bondade e gentileza de me dirigir, tão imerecidas para quem nunca pretendeu nem deseja ser mais do que um permanente estudante.

Nem a impetuosidade da paixão, nem o poder dissidente das opiniões podem contestar a inteligência brilhante de V. Ex.^a e o idealismo que o levou, para bem servir, a prejudicar interesses pessoais, os mais legítimos. A essas qualidades rendo as minhas sinceras homenagens.

Aos seus ilustres colaboradores Dr. Elmano da Cruz Alves e Doutor Justino Mendes de Almeida, é de toda a justiça uma palavra de reconhecimento pela sua dedicação e pelos altos serviços que prestaram ao País.

Com V. Ex.^a Senhor Subsecretário de Estado da Administração Escolar e com o Senhor Dr. Augusto Ataíde, novo Subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, vamos continuar um trabalho insano e ingrato, que, no dizer esclarecido do insigne Presidente do Conselho, é dos

menos invejáveis que podem recair sobre os ombros de um governante.

Consagrando-me de alma e coração a esse trabalho, procurarei prestar a Sua Excelência a mais sincera e devotada colaboração.

Com a ajuda de todos os que neste Ministério labutam — Senhores Presidentes da Junta Nacional da Educação e do Instituto de Alta Cultura e do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, Directores-Gerais e Reitores das Universidades, dirigentes de Organizações de Juventude — tentaremos criar e manter um espírito de perfeito e acabado entendimento.

Por este nosso mundo está em curso, sob múltiplas formas, a mais profunda revolução empreendida pelo e sobre o próprio homem, a qual se manifesta numa tortura interior traduzida por contestações, dúvidas e anseios, na maioria dos casos suscitados pela procura de uma maior felicidade.

A educação é o problema cimeiro, a alma motora, o meio consciencializante, por excelência, desse espírito revolucionário. Na verdade, ele procura, na sua plena democratização, uma estrutura criadora e dinamizante, em que se apoie uma sociedade mais justa e mais perfeita.

A educação é o veículo poderoso e essencial que torna possível à vida humana ser digna de ser vivida, facilitando todo um processo de justiça social, inerente a qualquer fórmula de melhoria da condição do homem.

Educar todos os portugueses, onde quer que se encontrem, na aldeia escondida ou na cidade industrializada, na savana seca e ignota ou na lezíria verdejante, é princípio sagrado de valor absoluto e de transcendente importância à escala nacional.

Quando nele medito, não saem do meu pensamento as proféticas palavras de Whitehead, pronunciadas em 1916.

Uma Nação que não valoriza devidamente a inteligência está condenada. O seu heroísmo, as suas magníficas qualidades de relações humanas, a sua finura de espírito, as suas vitórias em terra, mar e ar não lhe permitirão fugir a um destino inexorável. Hoje sobrevive. Amanhã a Ciência avançará ainda mais, e não caberá apelo do julgamento proferido sobre um povo constituído por homens sem instrução.

Neste conceito está implícita uma obra gigantesca sempre presente no nosso espírito, obra que, embora simples de enunciar, se encontra eivada de dificuldades sem número, as quais resultam da análise das poucas facilidades materiais de que dispomos, da carência de meios humanos e da existência dolorosa de um certo conservadorismo obstrutivo e paralisante.

Por isso mesmo, estamos perante um desafio terrível mas aliciante, lançado a toda uma Nação, a qual, hoje mais do que nunca, se mostra sedenta de progresso. A esse desafio acorremos, conscientes da humildade de um sacrifício imbuído do espírito de servir desinteressado.

Ao entrar nesta casa, ousamos apelar, mormente para professores e estudantes que têm a felicidade de poder cultivar a sua inteligência, para que colaborem, com dinâmica capacidade de iniciativa, em processos susceptíveis de estender a todos os portugueses o precioso bem da educação e de permitir que nas elites se integrem os mais capazes, independentemente de condicionalismos sociais e económicos.

O País não pode nem deve assistir, passivamente e inferiorizado, às grandes conquistas da Ciência e da Técnica, situem-se estas na electrónica, nos combustíveis espaciais, na tecnologia do estado sólido ou na Física de Altas Energias, quer ainda na Biofísica ou na Bioquímica. É certo que não podemos competir nas realizações científicas muito onerosas, mas devemos investigar e investir em domínios

próprios e originais, em aspectos de concretização material possível, não deixando de levar a inteligência portuguesa aos grandes centros internacionais de pesquisa. É preciso encarar todo o progresso em termos de entendimento criador e aplicação exacta dos novos conhecimentos, sabendo usufruir capazmente dos benefícios propiciados pelas contínuas descobertas científicas.

Por outro lado, devemos intensificar o estudo do Homem nas suas relações com o meio e a sociedade, promovendo o desenvolvimento das Ciências Sociais de forma que nos afastemos do algébrico e aterrador «mundo novo de Huxley», valorizando o homem como pessoa, libertando-o da negra perspectiva do controlo absoluto da Técnica.

A educação deve, mais do que nunca, assentar em bases profundamente humanas e livres que permitam resposta às angustiantes e ansiosas interrogações de natureza espiritual e façam o homem senhor da Tecnologia e não escravo dela. Isto, claro, em concordância com justas medidas de distribuição de riqueza exigidas pela dignidade humana.

Sabemos bem que não existem fórmulas de magia capazes de resolver uma problemática educacional plena de variáveis aleatórias que dificultam soluções rápidas. Mas tem de se traçar com segurança um caminho, investindo com prioridade na formação a todos os níveis de quadros docentes, de investigadores e de técnicos, os quais se não improvisam mas resultam de um planeamento ousado e criador. Decididamente, o futuro da Nação não reside apenas em elites fechadas e diminutas. As reduzidas aristocracias da cultura contrapõe-se a educação das massas, constante preocupação dos governantes de hoje, à qual até teríamos de aderir por imperativo de sobrevivência nacional. Aquela nostalgia do passado e sonhos de grandeza de antanho, contrapõe-se a democratização do ensino em

extensão e profundidade, factor primordial do progresso do País.

O desejo incessante de corrigir os nossos próprios erros; a humildade no seu reconhecimento; a permanente libertação de conformismos geradores de protelamentos indefinidos; a procura reflectida de soluções justas, determinadas pelo bom senso e largueza de espírito; a tolerância, pressuposto de uma informação mútua e esclarecida, são constantes que devem impregnar a nossa conduta. Só elas permitirão o diálogo criador e responsável entre todos os sectores da vida educacional.

Fazendo-o, permitiremos a todos, mormente aos que nos sucederem, trilhos cada vez mais fáceis e conducentes a realizações produtivas.

Não pretendemos, neste acto de transmissão de poderes, definir um programa pormenorizado de acção, mas queremos afirmar o propósito de nos consagrarmos inteiramente ao estudo dos problemas de todos os graus de ensino, da educação permanente e do desenvolvimento e coordenação da investigação científica em domínios que nos competem. Especial cuidado nos merecerá uma larga e intensa difusão entre adultos e jovens estudantes e outros trabalhadores, de todas as formas da cultura e da arte, quer através dos novos meios audiovisuais, quer através da multiplicação e aperfeiçoamento de museus, arquivos e bibliotecas. E a educação física, tendo a força poderosa do desporto ao seu serviço, ocupará no plano das nossas preocupações, o lugar que lhe cabe como factor importantíssimo de formação e de valorização do nosso povo.

Que visão mais bela do que a de um País na plenitude de vivência de escola actualizada de cultura!

Apontou V. Ex.^a alguns problemas deste Ministério que requerem soluções imediatas. Outros hão-de naturalmente

surgir, multiplicando-se numa reacção em cadeia como sinais consoladores de um progresso real.

Trabalharemos com o fim de preparar e garantir em futuro não distante o aumento da escolaridade obrigatória até ao termo do ciclo geral dos liceus, ou equivalente, procurando já uma solução harmoniosa para os problemas do ciclo preparatório e da 5.^a e 6.^a classes e promovendo a conclusão urgente dos estudos em curso relativos à instituição do novo ciclo do ensino secundário. A revisão dos ensinoss liceal e técnico, bem como o das escolas do Magistério Primário, torna-se assim absolutamente necessária.

Mas a Universidade insere-se neste quadro como um gerador imprescindível, elemento fundamental para a resolução de todos os problemas apontados, porque há-de ser viveiro de professores de todos os graus de ensino, escola de formação de cientistas e técnicos, centro dinâmico de alta cultura humanística e refúgio da plena e indefectível independência do espírito.

Reconheçamos que a Universidade não está habilitada a corresponder às necessidades do nosso tempo, reconheçamos que a sua reforma não é um problema do mundo capitalista ou das concepções marxistas: é antes um problema da mais forte acuidade, que deve ser tratado de forma científica e que exige soluções rápidas, maleáveis e susceptíveis de contínuas adaptações e aperfeiçoamentos.

A reforma da Universidade constitui por isso a preocupação primeira deste Ministério e, ouvidos todos os seus elementos representativos, serão ensaiadas soluções que lhe assegurem a posição de vanguarda nos domínios do pensamento e lhe confirmem uma eminente dignidade.

Procuraremos auscultar amplamente os sectores interessados, mas não estamos decididos a perder tempo, pois o sistema vigente atingiu o ponto de rotura, e não que-

remos assistir, como principal responsável, à sua total desagregação.

Peço a todos, em especial aos professores e aos estudantes, que me ajudem e me acompanhem na busca daquelas soluções.

É que prefiro viver em constante inquietação do que morrer sonhando!